

A POPULARIDADE DO CIENTÍFICO JOGO

QUANDO em Janeiro de 1933 se fundou o Grupo de Xadrez de Lisboa, iniciando-se assim uma nova era na história do xadrez em Portugal, o prestígio do nobre e científico jogo, como exclusivo de aristocratas e doutorados, sofreu a primeira estocada. Outros indivíduos, menos categorizados e pertencentes a mais modesto sector da sociedade, reclamavam o livre direito de experimentarem também a emoção peculiar daquele belo exercício mental, associando-se, cerrando fileiras, para que fosse mais profícua e extensa a cultura da técnica e da teoria do complexo passatempo.

As dificuldades que se opunham à difusão do xadrez podiam considerar-se quase insuperáveis, dado que a tradição o colocava acima de uma intelectualidade menos pretenciosa que aquela notada então no amorismo do «jogo-ciência». Preconceitos absurdos criavam em torno da modalidade certa atmosfera de suma distinção, tão vulgar nos chamados jogos elegantes. Predominava, embora não correspondesse à verdade, a convicção da incompatibilidade das índoles do xadrez e da juventude.

Não se atreviam a contestá-la as escassas dezenas de amadores que estacionavam vulgarmente nos «cafés» da Baixa — anónimos, habilidosos e cheios de boa vontade, sem dúvida, mas impossibilitados, ante o ambiente característico dos grandes centros de reunião, demasiado rumoroso e incompatível com os longos períodos de reflexão requeridos, de jogarem o verdadeiro xadrez — aquele que Leibniz, filósofo e matemático de grande renome, considerava «demaziado jogo para ser ciência, mas demaziada ciência para ser jogo».

As circunstâncias salientavam a necessidade de se agruparem todos os adeptos da modalidade, de modo que se pudessem preencher, enfim, a lacuna que a nossa terra exhibia perante o progressivo desenvolvimento do xadrez cosmopolita. É que a actividade xadrezística de então limitava-se, a bem dizer, ao Grémio Literário — «centro rico e de sobejo aristocrático para que pudesse constituir bom foco radiante de idéias, que são sobretudo assimiláveis pelos desprestigiados da fortuna» — como disse o dr. Mário Machado, o nosso acreditado campeão nacional. De facto, multiplicavam-se as desvantagens de tão rigorosa selecção de cultivadores do xadrez. A modalidade sob o ponto de vista desportivo, tardava em obter expressão que satisfizesse.

Urgia, pois, a criação de um clube da especialidade. A aspiração era soberana — e assim nasceu o G. X. L. e ressuscitou a Federação Portuguesa de Xadrez!

Os benefícios que se obtiveram imediatamente com esse agigantado passo para mais expressiva popularidade — excedeu as melhores perspectivas dos grandes mentores do movimento.

Carlos de Araújo Pires, Alfredo Mazoni da Costa, Henrique Mantero e Alvaro de Carvalho — os sócios fundadores — encarnavam no momento o protótipo da geração que se afirmava. Fácil lhes foi reunir na modesta sala da Sociedade de Geografia uma centena de entusiastas amadores, decerto menos eruditos do que os impenitentes xadrezistas da época, mas por igual inteligentes e esforçados, que souberam manter o nível do xadrez de então e rivalizar com os mais acreditados valores contemporâneos.

Não devemos, porém, olvidar, ou diminuir sequer, a acção desenvolvida até então pelo velho Grémio Literário, que durante muitos anos foi fonte de inúmeras afirmações da actividade escaquistica do país, ou pelos seus elementos mais autorizados, que foram dos primeiros a reconhecer as vantagens da popularidade do jogo, ingressando na lista dos sócios do nável Grupo e contribuindo mais tarde para o seu engrandecimento.

O êxito foi completo e repercutiu-se, como é obvio, por todas as terras do país. Fundaram-se sucessivamente os Grupos da Póvoa de Varzim, Porto, Setúbal e Coimbra, e actualmente chegam-nos notícias de propósitos de se agruparem os xadrezistas de Braga, Torres

Vedras, Faro e Portimão. Como é natural, a capital continua a evidenciar superioridade flagrantemente, quer na qualidade do jogo praticado, quer no número dos seus adeptos. Depois do Grupo de Xadrez de Lisboa — onde conjuntamente funciona a Federação, que é filiada na F. I. D. E. (Federação Internacional dos Échecs) — criaram-se secções de xadrez em importantes colectividades recreativas e culturais como Instituto Superior Técnico, Sport Lisboa e Benfica, Imprensa Nacional, Café Martinho, Instituto Comercial de Lisboa e Hockey Clube de Portugal.

São números satisfatórios, sem dúvida. Contudo, não obstante os esforços dispendidos no sentido de popularizar a modalidade em todos os centros, verificamos com pesar que existe um sector — o operariado — que pela influência do seu campo de acção considera ainda o desporto intelectual, nomeadamente o jogo do xadrez, como que uma miragem fora do alcance da sua esfera...

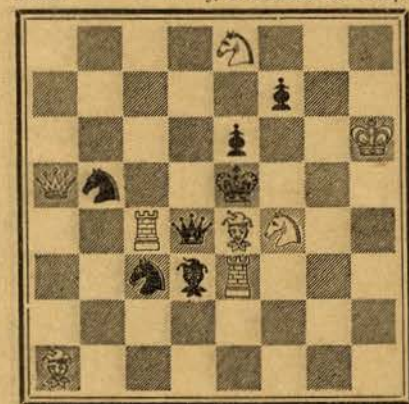
E por quê tal alheamento? De modo geral, os trabalhadores portugueses, quando terminado o período escolar — talvez aquele em que as facilidades intelectuais foram chamadas a intervir em todo o seu esplendor — habitam o raciocínio a certa indolência. Assim inferioriza-se, não é de admirar a dificuldade que os seus cérebros experimentam na aprendizagem da mecânica do xadrez.

Para combater esta espécie de sedentariedade mental, que tão nefasta se torna nos seus múltiplos aspectos, não é preciso mais do que a força de vontade suficiente para dominar a complexidade dos preliminares do xadrez — jogo que é um exercício poderoso, capaz de desenvolver o potencial da mais modesta inteligência e de proporcionar momentos magníficos de recreio espiritual.

VASCO SANTOS

PROBLEMA N.º 14

Inédito J. G. SOARES DA GRAÇA



COIMBRA Mate em 3 lances

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS ANTERIORES

N.º 12: 1. f2-f4. Ameaça 2. f4-f5 mate. Se 1... exf1 n.p. (variante temática) 2. Cd4 (auto-pregagem negra). Se 1... e4-e3; 2. Dd3 1... B x f4; Td7 1... g4 x f3 n.p. (var. temática) 2. Dd3 (abertura de linhas).

Este problema, publicado pela primeira vez na «R.E.X.», com o Bd em e2, apresentava assim a seguinte demolição: 1. Cc3 x d5. Agora, rectificada a posição, tal hipótese já não existe por causa de 1... B x b5!

N.º 13 (inédito) 1. Del. A chave, muito fraca, ameaça 2. Df4, batendo a fuga d6. Se 1... Rde; 2. D x c5 (intercepção do bispo). Se 1... D x c1, então 2. Cd7 mate (pregagem do B e abertura da linha). A ideia temática desta composição reside na semi-pregagem, mas esta não foi suficientemente explorada. Uma única variante é, evidentemente, muito pouco para um tema de tão inagotáveis recursos, mas se atendermos ao facto de se tratar da primeira produção do jovem autor coimbrês torna-se compreensível a modestia do problema. De facto, é natural que saltem à vista de problemistas experimentados alguns pormenores técnicos que logo identificam a propriedade do trabalho. A acção limitadíssima das peças brancas, a fuga do rei sem mate preparado, e a pobreza de conteúdo são, porventura, os principais. Eis, em resumo, um trabalho característico do principiante, a quem não negamos prometedoras qualidades e forte vontade de progredir.

Notas & Comentários

AS condições em que tem de ser feita parte do original da «Stadium» não permite dar actualidade a todos os comentários. E há alguns que passam da altura própria. Mesmo tarde, não queremos, porém, deixar de nos referir às festas desportivas enquadradas na «Queima das Fitas», em Coimbra. Houve dois números de especial relevo — o encontro de um g. upo misto da Associação Académica contra o «seize» que conquistou a «Taça de Portugal» de 1939, ganhou com brilhantismo pelos vencedores de há cinco anos; e a homenagem prestada ao dr. Armando Sampaio, a quem a Académica de serviços de grande valor na preparação de novos atletas. Armando Sampaio mereceu completamente a homenagem. Foi um acto de justiça — e de gratidão.

O Hockey Clube de Portugal festeja, agora, um novo aniversário da sua fundação. E dos clubes mais simpáticos, valerosos e discretos. A sua obra é notável em vários desportos. E, para realçar a forma como encara a respectiva prática, até tem uma secção de xadrez.

MERECER registar a animação observada em clubes que se dedicam principalmente à ginástica. O Ginásio teve há pouco a sua semana — e o Lisboa Ginásio andou empenhado numa iniciativa idêntica. O Ginásio prepara o festival no Coliseu de Lisboa. E dois clubes portugueses promovem espectáculos semelhantes — o Sport Clube e o Feminino. Podemos, pois, concluir que a ginástica entrou num período de grande actividade.

PODEMOS, como contrapartida, dizer também que outros desportos não atingiram ainda a fase de pleno trabalho. A natação encontra-se nesse caso. Fizem-se apenas algumas provas escolares — em Lisboa. Sómente há referência da actividade nos clubes lisboenses do costume — Algés, Estoril, Pedrouços e Nacional.

No Porto e em Coimbra só se trabalha com os rapazes da «Moidade Portuguesa». E' de facto pouco — mesmo para princípio de temporada.

SAO boas as perspectivas do atletismo. Os clubes começaram a trabalhar e dedicam-se com entusiasmo à preparação das provas. Em Lisboa, realizaram-se, primeiro, torneios de clube, para sócios e simpatizantes. O Internacional tentou, depois, encontros entre dois clubes. A sua segunda iniciativa deste género foi a de um «match» entre atletas do Internacional e da Casa Pia, com as características de homenagem ao Comité Olímpico Português. Pareceu-nos acertada esta orientação. Partindo do simples para o complexo, as provas internas para as grandes competições inter-clubes, devem ser melhores os resultados — e não se afastam prematuramente atletas que não tenham ainda estofos para campeões.

ALGUMAS figuras de relevo no desporto nacional vão desaparecer, a pouco e pouco. Coube agora a vez a José Maria Graha, que foi brilhante jogador de futebol no «univ. de honra» do Casa Pia Atlético Clube e na equipa representativa de Portugal. Morreu ainda novo. Disciplinado, correcto e dedicado, deixou muitas saudades.

A Alvaro Graha, seu irmão e companheiro de equipa, e à direcção do Casa Pia, A. C. endereçamos o nosso cartão de pêsames.

Resolveram ambos os problemas, os srs. Eduardo Moura, dr. Nogueira Rodrigues, eng. H. Barroso, José Lopes, Correia, Rui Soares, João Maria Duarte, Joaquim Monteiro, António Machado, Serafim A. Pacheco, Eduardo dos Santos, António David, dr. Abílio Ferreira, João Esteves, Alberto Sampaio, Diamantino Velga, Bartolomeu da Costa e Sousa, Afonso Brito, Joaquim Amores e Orlando Casimiro dos Santos. O n.º 12 foi também solucionado pelo sr. E. Sauchas, e o n.º 13 pelos srs. Hans Schneider, L. Ventura e Henrique Marques. O inédito publicado no nosso n.º 14, transcrito depois na Rev. Port. de Xadrez, foi demolido pelo distinto problemista daquele periódico, sr. A. Pereira da Silva, de Venda do Pinheiro, com a solução imprevista 1. Dd3, seguido de 2. Dd7 mate! Com prejuízo da estética do problema, o único recurso para o tornar correcto é colocar em h3 o Cd4 — o que deve acarretar ainda maior facilidade de resolução.

A propósito, registar-se a vitória do sr. Pereira da Silva no «Magna Course» da Casa Jeresana Gutiérrez Hermanos, classificando-se, com dois solucionistas espanhóis, em 1.º lugar. As nossas felicitações.